

Quilombos e quilombolas

De onde partir

- ✓ É legal conhecer sobre o processo de Colonização portuguesa na América, tendo em vista a administração da colônia, a organização da sociedade e os aspectos econômicos, sobretudo relacionados à exploração do açúcar e do ouro entre os séculos XVII e XVIII.



Onde você vai chegar

- ✓ Entender o trabalho na América e o que representou a escravidão
- ✓ Aprender como e o por que de negros escravizados se organizarem em quilombos para resistir
- ✓ Conhecer a importância do quilombo dos Palmares para a luta contra a escravidão



Teoria

Entre os séculos XVI e XIX, o tráfico negreiro e a escravidão africana ficaram amplamente conhecidos como formas lucrativas de realizar a colonização das Américas e, posteriormente, de manter a produção econômica em diversos países do continente. Em levantamentos recentes da Universidade de Emory, estima-se que cerca de 4,8 milhões de africanos escravizados tenham desembarcado no litoral brasileiro entre os séculos XVI e XIX, sendo que, dentre eles, cerca de 300 mil nem ao menos chegaram com vida.

Tendo em vista a lucratividade e o anseio de colonos e aristocratas pela exploração deste tipo de mão de obra, percebe-se que a escravidão africana se tornou uma prática que se expandiu por todo o continente americano, sendo marcada pela violência, pela desumanização, pelo aculturamento e pela construção das bases de uma sociedade racista que ainda vigora em países como Brasil e Estados Unidos. No entanto, apesar das violências impostas aos escravizados e da aculturação provocada, a opressão desse sistema não impediu a resistência dos escravizados, muito menos a prática de suas culturas, religiões e tradições, que tentam até hoje sobreviver entre as comunidades negras.

Assim, dentre as formas de resistência encontradas pelos escravizados, podemos citar não só as práticas mais violentas, como o suicídio, o aborto e as revoltas contra Senhores, mas também as próprias fugas de cativos e o posterior aquilombamento desses grupos. Inicialmente, muitos dos fugitivos se refugiavam em matas ou lugares isolados, formando comunidades complexas e amplas com outros libertos, com defesas militares, agricultura, pecuária e até mesmo comércio com outros grupos. Apesar desta ser uma característica inicial, outros quilombos, no entanto, não se formaram em regiões isoladas, mas sim nos meios urbanos, conquistando grande autonomia, ou até mesmo em fazendas abandonadas, com fácil acesso.

Vale destacar que, apesar dos quilombos possuírem como característica fundamental a organização de escravizados libertos e reproduzirem muito das relações sociais e formas administrativas já existentes na África, estes espaços, algumas vezes, também acolhiam indígenas e até mesmo pessoas brancas. Também é importante esclarecer que, exatamente por reproduzirem as práticas e relações sociais já existentes na África, a ideia de uma estrutura escravista mercantilista dentro dos quilombos não se sustenta.

Hoje, a maior parte das fontes encontradas por historiadores para estudar os quilombos é arqueológica, ou seja, bens materiais, peças, armas, ruínas, esculturas ou pinturas, visto que os quilombos não deixaram fontes escritas. No entanto, durante muitos anos, os relatos sobre os quilombos que foram deixados por

bandeirantes e colonizadores, transmitindo a interpretação pessoal desses homens sobre o que percebiam nos quilombos, foram utilizados como fontes incontestáveis para entender as relações quilombolas e classificá-las apressadamente como escravidão.

Assim, estudos mais recentes revelam que as relações entre os libertos e a administração dos quilombos estava muito pautada nas divisões de trabalho e em hierarquias sociais tradicionais na África, com reis e rainhas que eram símbolos de liderança, coragem e vitória, logo, as comunidades trabalhavam não em um sistema de escravidão mercantil, mas sim baseadas na obediência e respeito e na noção da divisão do trabalho para o funcionamento do quilombo. Esta questão pode ser analisada na própria formação do quilombo dos Palmares, a mais famosa forma de resistência africana durante o ciclo do açúcar, localizada na capitania de Pernambuco.

A Guerra dos Palmares e a resistência africana (Serra da Barriga, séculos XVI e XVII)

Na região conhecida como a Serra da Barriga, antiga capitania de Pernambuco e, atualmente, parte do estado de Alagoas, formou-se no final do século XVI uma ocupação de resistência e luta contra a escravidão colonial no famoso quilombo dos **Palmares**. Essa comunidade era composta por diversos povoamentos (mocambos), que realizavam funções específicas e que chegaram a abrigar mais de 20 mil negros fugidos. Dentre os mocambos mais famosos estavam: a Cerca Real do Macaco, que funcionava como um centro político; Subupira, Aqualtune e Andalaquituche. Ao fim, todos os mocambos tinham uma função básica, cuidar da segurança e da subsistência da comunidade quilombola.

QUESTÃO RACIAL INTRODUZIDA

4 milhões de escravos vieram para o Brasil

no Brasil a escravidão concentrava-se também na mão de obra do indígena

A experiência de organização e luta em Palmares foi um sucesso durante quase um século, configurando-se inclusive em uma das mais longas experiências monárquicas no território que hoje conhecemos como o Brasil. Um dos mais famosos “reis” de Palmares foi o líder **Ganga Zumba**, que resistiu às dezenas de expedições portuguesas para destruir o quilombo e recuperar os escravizados aproximadamente entre 1645 e 1678. No entanto, apesar da bravura de Ganga Zumba na resistência, o constante ataque dos portugueses, com armas e equipamentos muito mais sofisticados e um suposto sequestro de pessoas próximas a Ganga Zumba levaram o líder à assinatura do polêmico “**acordo de 1678**”, que

garantia liberdade apenas aos negros nascidos em Palmares e concedia aos portugueses terras no norte alagoano.

A decisão de Ganga Zumba foi tão mal recebida por Palmares que, em 1678, muitos não aceitaram o acordo, continuaram a resistência e, supostamente, ainda envenenaram Ganga Zumba, como punição pelo que muitos consideraram uma traição. O novo líder escolhido para Palmares, conhecido como **Zumbi** (palavra de origem *quimbunda* que se refere a fantasmas e espectros), iniciou uma liderança muito mais sólida na decisão de não negociar com os portugueses e manter a luta. Graças a essa postura, Zumbi dos Palmares se tornou uma referência na luta contra a escravidão colonial e, futuramente, um símbolo dos movimentos negros antirracismo.

Sobre a questão do uso ou não de trabalho escravo em Palmares e pelo seu líder Zumbi, como visto, a historiografia atual tem insistido em afirmar que não podemos comparar as formas de trabalho utilizadas em Palmares com a escravidão mercantilista promovida pelos europeus entre os séculos XVI e XIX. Como Palmares exercia um ideal emancipatório, formando quase um Estado africano paralelo no interior da colônia portuguesa, as formas de trabalho utilizadas espelhavam muito do que já se encontrava no continente africano, sobretudo em Angola.

Sem conceitos de propriedade privada ou de mão de obra assalariada difundidos, os trabalhadores quilombolas estavam a serviço da própria comunidade ou do líder, sem a objetificação e a desumanização do trabalhador. Nos casos de trabalhos forçados, muitas vezes estes eram utilizados como punições por delitos ou eram inimigos de guerra capturados. Assim, o trabalho no quilombo dos Palmares estava muito distante da desumanização promovida pela escravidão mercantilista em massa realizada pelos portugueses.



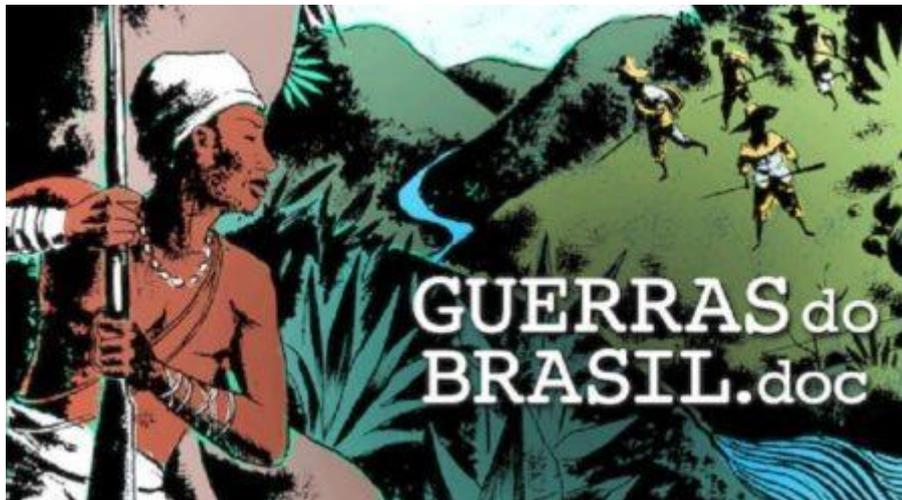
Enfim, ainda que muitos quilombos sobrevivam até hoje como patrimônios históricos, Palmares conheceu a derrota em 1695. O bandeirante Domingos Jorge Velho, contratado pelo capitão-geral da capitania de Pernambuco, iniciou uma expedição com mais de 6.000 homens que conseguiu capturar Zumbi dos Palmares e dar fim ao quilombo. O líder negro teve sua cabeça cortada e pendurada em uma lança em Recife, para servir como exemplo para outros escravizados que tentassem se rebelar.

Se liga!

Quer aprender mais sobre o quilombo dos Palmares e a incrível história de Zumbi? Dá uma olhada nesse Mapa Mental incrível que fizemos pra vocês!

- [Zumbi dos palmares](#)

Na Cultura



Em outros materiais já indicamos episódios dessa série documental que reúne historiadores, ativistas e políticos para debaterem aspectos polêmicos da História do Brasil. Sendo assim, vale a pena reforçar mais uma vez a indicação dessa produção, sugerindo agora o episódio 2 da série, focado no quilombo de Palmares.

- **Episódio 2 – Destruição de Palmares**

Exercícios

1. **(Vunesp)** “No Brasil, costumam dizer que para os escravos são necessários três “Ps”, a saber, pau, pão e pano. E, posto que comecem mal, principiando pelo castigo que é o pau, contudo, prouvera a Deus que tão abundante fosse o comer e o vestir como muitas vezes é o castigo.
(André João Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, 1711)
 - a) Qual a crítica ao sistema escravista feita pelo autor do trecho apresentado?
 - b) Indique dois motivos que explicam a introdução da escravidão negra na porção americana do Império português.

2. **(Unificado)** No Brasil Colônia, a fuga era o modo mais comum de rebeldia entre os escravos. Muitos desses fugitivos deram origem aos quilombos, ao se reunirem em núcleos fortificados no sertão. Sem dúvida, Palmares, em Alagoas, foi o maior quilombo de que se tem notícia. Nesse quilombo, praticava-se intenso comércio como uma das formas de garantia de sua manutenção e duração, entre 1630 e 1694.
O dinamismo comercial desse quilombo mantinha-se devido à
 - a) troca clandestina de mercadorias entre o quilombo e os governos regionais, especialmente com o de Pernambuco.
 - b) rede de trocas mercantis estabelecida entre quilombos, em função do conhecimento dos fugitivos sobre a região.
 - c) colaboração de brancos que forneciam armas e utensílios, pagos pelos negros com os seus excedentes agrícolas.
 - d) conivência da Coroa portuguesa, negligente com o efetivo poder do quilombo naquela região geográfica.
 - e) criação de cooperativas para a produção agrícola quilombola, comercializada nas cidades do sertão.

Gabaritos

1.
 - a) A crítica de Antonil se refere a abundância nos castigos destinados aos escravizados no período colonial e que muitas vezes era desproporcional aos cuidados que esses escravizados recebiam, o que, de fato, tinha como consequência prejuízos graves a vida do cativo.

 - b) A escravidão negra na América portuguesa pode ser entendida por diversos motivos, como os lucros obtidos com o tráfico negreiro, a necessidade de grande quantidade de mão de obra para a economia agrícola e aurífera, o conhecimento dos africanos de técnicas de plantação e exploração de ouro em minas e os motivos religiosos que inferiorizavam os africanos.

2. **C**
Na questão, o professor pode debater a presença dos quilombos na América através das relações econômicas estabelecidas pelos quilombolas com outros núcleos, inclusive com senhores de engenho, fazendeiros e homens brancos de uma forma geral, desconstruindo assim o mito do isolamento dos quilombos.